

## A SEMANA – 153

John Gledson

Interessante que a notícia que verossimilmente inspirou esta crônica sobre jardins só apareceu no dia anterior ao domingo da sua publicação, no sábado, 4 de maio. Será que Machado estava sem assunto (como mais ou menos diz ao elencar os “acontecimentos” da semana), e decidiu, ao topar com a estatística dos visitantes ao Jardim Botânico do Rio, construir o seu dever semanal sobre um assunto caro ao seu coração de jardineiro amador, conhecedor da história da cidade, e nostálgico da época em que não se abatiam árvores com tanta frequência? Além do mais, dá-lhe ensejo de citar o famoso final do *Paraíso perdido* (não sendo Milton uma referência habitual), e de contar uma história, ou anedota, que nada tem de transcendente, embora contada com a graça e verve de costume. O contraste óbvio é com o Jardim Zoológico, já “fechado para reformas”, e o Jardim Lotérico em que se transformara, espalhando-se pela cidade toda.



## A SEMANA

5 de maio de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Antes de acabar o século, quisera dar-lhe um título; falo do nosso século fluminense. Não é de uso que os séculos se contem na vida das cidades. Roma era o mundo romano. Atenas era a civilização grega. A rigor, as cidades médias e mínimas deviam ter os seus séculos menores, cinquenta anos as primeiras e vinte e cinco as outras, – um quarteirão, como se dizia outrora das sardinhas, e creio que das laranjas também.<sup>1</sup> Mas a nossa boa capital, por ser a ditosa pátria minha amada, ou por diversa causa, poderia ter o seu século mais crescido que os de cinquenta anos. Vá cinquenta anos. Antes que termine este prazo, contado de 1850, procuremos ver que nome se lhe há de pôr.

Puxei pela memória, achei, tirei, comparei, fiz, desfiz, sem positivamente chegar a resultado certo até ontem. Notai que vim desde o princípio da semana. Não quis saber de boatos, nem sucessos, nem dos movimentos de mar e terra, nem da deposição e reposição do governador das Alagoas, abertura de congresso, nada, nada.<sup>2</sup> Ao cabo de muita pesquisa vã, quase desesperando<sup>3</sup> dos meus esforços, consegui achar o nome do século. Pode ser que haja erro; mas essa parte da crítica fica para o leitor, a minha parte é crer, – crer e louvar, – não digo louvar à maneira de Garrett, que atribuía ao editor

---

<sup>1</sup> Este significado da palavra “quarteirão”, o primeiro dado pelo dicionário Houaiss, obviamente era meio obsoleto nos anos 1890.

<sup>2</sup> Durante a semana, vinham notícias de Rio Grande do Sul e de Montevideu de possíveis conflitos entre forças federalistas e legalistas; segundo um telegrama de Buenos Aires que apareceu na *Gazeta* no dia 4 de maio, as duas forças não se enfrentavam, à espera de uma pacificação: “apenas se limitam a variar de posição para não desmoralizar os soldados”; no começo da semana, o governador de Alagoas, o barão de Traipu, foi deposto, alegando-se que a sua eleição era inconstitucional. A cada dia, vinham notícias contraditórias. No fim da semana, já estava repostos; o congresso, senado e câmara, reabriu esta semana, mas sem trabalhar, pela costumeira falta de número.

<sup>3</sup> Assim na *Gazeta*. Aurélio tem “desesperado”.

todas as coisas excelentes que pensava de si, e nós com ele.<sup>4</sup> Não; basta um louvor discreto, meio apagado, leve e breve, um sussurro de admiração.

Que achei eu do nosso século carioca? Achei que será contado como o século dos jardins. À primeira vista parece banalidade. O jardim nasceu com o homem. A primeira residência do primeiro casal foi um jardim, que ele só perdeu por se atrasar nos aluguéis da obediência, donde lhe veio o mandado de despejo. Verdade é que, sendo meirinho não menos que o arcanjo Miguel, e o texto do mandado a poesia de Milton, segundo creem os poetas, valeu a pena perder a casa e ficar ao relento. Vede, porém, o que é o homem. O arcanjo, depois de lhe revelar uma porção de coisas sublimes e futuras, disse-lhe que tudo que viesse a saber, não o faria mais eminente; mas que, se aprendesse tais e tais virtudes (fé, paciência, amor), não teria já saudades daquele jardim perdido, pois levaria consigo outro melhor e mais deleitoso.<sup>5</sup> Não obstante, o homem meteu-se a comprar muitos jardins, alguns dos quais ficaram na memória dos tempos, não contando os particulares, que são infinitos.

Sendo assim, em relação ao homem, que há a respeito do carioca, para se lhe dar ao século a denominação especial que proponho? Certo, não é só o amor das flores, em gozo sumo, que me leva a isto. É a elevação do sentimento, é a crescente espiritualidade deste amor. Nós amamos as flores, embora nos reservemos o direito de deitar as árvores abaixo, e não nos aflijamos que o façam sem graça nem utilidade.

Nos primeiros tempos do Passeio Público, o povo corria para ele, e o nome de Belas Noites, dado à rua das Marrecas, vinha de serem as noites de luar as escolhidas para as passeatas. Sabeis disso; sabeis também que o povo levava a guitarra, a viola, a cantiga, e provavelmente o namoro. O namoro devia ser inocente, como a viola e os costumes. Onde irão eles, costumes e instrumentos? Eram contemporâneos da Revolução Francesa, foram com os discursos dela. Enquanto Robespierre caía na

---

<sup>4</sup> O escritor romântico português, João Batista de Almeida Garrett (1799-1854), muito admirado por Machado, tinha um “incomensurável pendor para o autoelogio”, muitas vezes escondendo a autoria, dizendo, por exemplo, que a sua obra “é sem dúvida a oração moderna que mais faz lembrar as declamações clássicas da velha Atenas”.

<sup>5</sup> No fim do livro XII, livro final de *Paraíso perdido*, de John Milton (1608-1674), o arcanjo Miguel mostra o futuro a Adão, mas diz (v. 574ss) que tudo o que acaba de aprender não tem importância, ao lado do paraíso interno que deve levar consigo: “Only add / Deeds to thy knowledge answerable; add *faith*; / Add virtue, *patience*, temperance; add *love*, / By name to come called Charity, the soul / Of all the rest; / then wilt thou not be loth / To leave this Paradise, but shalt possess / A Paradise within thee, happier far.” (grifos meus) [Somente acrescenta / Atos comensuráveis aos teus conhecimentos; acrescenta *fé* / Acrescenta virtude, *paciência*, temperança; acrescenta *amor*, / No futuro chamado Caridade; a alma / De todo o resto. / Então, não relutarás / Em sair deste Paraíso, mas possuirás / Um Paraíso dentro de si, bem mais feliz.”] A consequência é que, no final do livro e do poema, Adão e Eva saem do Paraíso vertendo algumas lágrimas, mas que logo enxugam. Machado tinha na sua biblioteca o original inglês do poema, e uma tradução portuguesa, de Antônio José de Lima Leitão.

Convenção, ouvindo este grito: “Desgraçado! é o sangue de Danton que te afoga!”<sup>6</sup> o nosso arruador cantava com ternura na guitarra:

Vou-me embora, vou-me embora,  
Que me dás<sup>7</sup> para levar?  
Saudades, penas e lágrimas  
Eu levo para chorar.

Mas reduzamos tudo aos três jardins, que me levam a propor tal título a este século da nossa cidade.

O primeiro, chamado Jardim Botânico, não tinha outrora a concorrência do Passeio Público, antes e depois de Glaziou;<sup>8</sup> ficava longe da cidade, não havia bondes,<sup>9</sup> apenas *ônibus*<sup>10</sup> e diligências. O lugar, porém, era tão bonito, a grande alameda de palmeiras tão agradável, que dava gosto ir lá, por patuscada, ou com a segurança de não achar muita gente, coisa que para alguns espíritos e para certos estados era a delícia das delícias. Os monólogos de uns e os diálogos dos outros não ficaram escritos, menos ainda foram impressos; mas haveria que aprender neles. Defronte havia uma casa de comida, onde os cansados do passeio iam restaurar as forças. Também se ia ali à noite. Uma noite...

Uma noite (vá esta velha anedota) estava um amigo meu no Clube Fluminense,<sup>11</sup> jogando o xadrez, entre nove e dez horas. Era um mocinho, com uma ponta de bigode, e outra de constipação. Tinha o plano de acabar a partida, e ir deitar-se. Vieram dizer-lhe que estavam embaixo dois carros abertos, com pessoas dentro, que o mandavam chamar. De um golpe acabou a partida, e desceu.

– Leandrinho, anda ao Jardim Botânico; vamos cear.

– Não posso, estou constipado, e já tomei chá; não posso.

– Pois não ceies, mas fala só; constipação cura-se com a lua. Olha que luar!

Leandrinho subiu a um dos carros, onde iam dois amigos e uma bela moça; arranjou-se como pôde, e os carros entraram pela rua do Lavradio. Chegaram ao Jardim Botânico. A casa de comida estava fechada; abriu as portas e foi fazer ceia. Eram três as

---

<sup>6</sup> O primeiro Passeio Público do Rio de Janeiro, planejado por mestre Valentim, foi completado em 1783. A frase “C’est le sang de Danton qui t’étouffe” teria sido pronunciada por Garnier de l’Aube quando Robespierre interrompeu momentaneamente um discurso na Convenção Nacional, no 9 termidor do ano II (1794). Danton tinha sido guilhotinado às ordens de Robespierre.

<sup>7</sup> Assim na *Gazeta*. Aurélio tem “dão”.

<sup>8</sup> Auguste François Marie Glaziou (1828-1906) veio para o Brasil em 1858, convidado por d. Pedro II, onde reformou vários jardins, inclusive o Passeio Público, que refez ao estilo mais romântico, de *jardin anglais*.

<sup>9</sup> Assim na *Gazeta*. Aurélio tem ponto-e-vírgula.

<sup>10</sup> Em itálico (*omnibus*) na *Gazeta*. Aurélio põe em romano.

<sup>11</sup> O Clube Fluminense, já mencionado na crônica de 24 de fevereiro de 1895 (143), e que ficava no Rossio (praça Tiradentes), foi muito frequentado por Machado nos anos 60.

moças amadas, três os rapazes amados, e outros três apenas alegres. Um destes, o Leandrinho, quis tratar a constipação pela conversação; mas foi triste e mero desejo. O amuo de dois namorados, a rusga de outros dois, trouxeram o constrangimento à reunião. Quando veio a ceia, todos estavam aborrecidos, mais que todos o Leandrinho, que suspirava pelo momento da volta. A comida e a bebida trouxeram alguma animação; ao champanhe<sup>12</sup> estava quase restabelecida a alegria. Recusando tudo, comida ou bebida, Leandrinho não pôde deixar de aceitar uma ameixa seca, oferecida por uma das mãos femininas.

– Que mal lhe pode fazer esta fruta inocente?

Realmente, nenhum; Leandrinho comeu a ameixa. Ergueram-se todos da mesa, cantaram ao piano, dançaram uma quadrilha, fumaram, até que ouviram bater duas horas. Dispuseram-se à volta, e pediram a conta. Leandrinho, tonto de febre, não viu a soma total; ouviu só que, rateadas as despesas, tinha ele que entrar com a quantia de nove mil e quatrocentos.

– Não se imagina, dizia ele alguns anos antes de morrer, contando esse caso, não se imagina o meu assombro. Tive ímpeto de quebrar tudo; mas era tão sincero o aspecto dos rapazes, e a presença das moças obrigava a tanto, que não recusei a minha quota.<sup>13</sup> Uma ameixa e uma febre por nove mil e quatrocentos.

Quando ele morreu, o Jardim Botânico via já crescer o número dos visitantes. Não transcrevo aqui a estatística do mês passado, para não atravancar este artigo com algarismos. Podeis lê-la nos jornais de ontem. O total das pessoas foi 2.950, a saber, 1.461 homens, 990 senhoras e 499 crianças.<sup>14</sup> A cidade ama os jardins.

Logo depois do Jardim Botânico, surgiu o Jardim Zoológico.<sup>15</sup> Não é possível contar a concorrência deste; tem sido enorme, e seria infinita, se lhe não fechassem as portas; mas há quem diga que é fechamento temporário, para o fim único de reformar e limpar as plantações, iniciar outras, e abrir as portas oportunamente. Não sei se a este foram também Leandrinhos, nem se lá perderam nove mil e quatrocentos; se os não perderam, é porque os ganharam.<sup>16</sup>

Terceiro jardim: é o recente Jardim Lotérico. Não ligo bem estes dois nomes; parece que há lá corridas, ou que quer que seja, pois às vezes ganha o Camelo, outras o Avestruz, ou o Burro. No dia 3 ganhou o Leão. No dia 4 até à hora em que escrevo, não

---

<sup>12</sup> Aurélio tem “champanha”.

<sup>13</sup> Assim na *Gazeta*. Aurélio moderniza para “cota”. No entanto, ambas as formas são permissíveis hoje.

<sup>14</sup> Esta notícia aparece tal qual no *Jornal do Commercio*, do sábado, dia 4 de maio, p. 3, col. 4.

<sup>15</sup> Na verdade, o Jardim Zoológico foi fundado em Vila Isabel em 1870 pelo barão de Drummond. O Jardim Botânico fora fundado por d. João VI em 1808.

<sup>16</sup> Para o jogo do bicho e sua relação com o Jardim Zoológico, ver a nota 7 da crônica de 10 de março de 1895 (145).

sei quem terá vencido... A cidade é sempre o homem do primeiro jardim. Tem a fé, tem a paciência, tem o amor, mas não há meio de achar um jardim em si mesma, e vai tecendo o século com outros. Creio que fiz um verso: E vai tecendo o século com outros.

